

sociedade pós-industrial ou da informação, perdem algum do seu carácter supostamente universal, se tivermos presentes alguns exemplos de países asiáticos, aliás invocados na própria obra. Assim, relativamente a um dos índices mais utilizados ? o da criminalidade ?, o autor declara: «os países asiáticos de alto rendimento, como o Japão ou Singapura, apresentam níveis decrescentes de crime violento neste período [anos 60-inícios dos anos 90]» (p. 58). Assim sendo, há que dar mais relevo à cultura e à própria história, dado que estas podem dar origem a consideráveis diferenças, como é o caso.

Por outro lado, também a hipótese da diferença entre a *linearidade* da história política e social e o *carácter cíclico* da história social e moral, embora reveladora de uma certa criatividade, por enquanto não passa de mera hipótese, a carecer de posteriores e mais aprofundadas investigações. Aliás o próprio autor revela alguma prudência, ao admitir que a última “parece ser cíclica”.

Antes de concluir, chama-se a atenção para alguns aspectos da tradução e, sobretudo, para as diversas gralhas que pululam no texto. Quanto à tradução, parece-me que, em vez de “destruição criativa” (p. 21), de “teorista” (p. 25) e de “grandes armazéns”, no Japão (p. 200), se adequariam melhor, respectivamente, “destruição criadora”, “teórico” e “centros comerciais”. Quanto às gralhas, anemem-se as cometidas nas seguintes palavras que aqui se grafam de forma correcta: “evidentemente” (p. 77), “diversas” (p. 112), “individuais” (p. 118), “numa” (p. 138), “diante de”(p. 160), “se verem” (p. 184), “convicção” (p. 186) e “criação”(p. 374).

José Amado Mendes

Antony GIDDENS, *O mundo na era da globalização* (trad. do inglês por Saul Barata), Lisboa, Presença, 1999, 92 p.

Giddens reúne neste livro um conjunto de conferências feitas na BBC no ano de 1999, transmitidas pela rádio 4 e pelo *World Service* da televisão britânica. Realça-se a importância de Giddens ter sido o último conferencista do séc. XX escolhido pela Organização para tratar temas tão actuais, que se prendem directa ou indirectamente com o fenómeno da globalização. Cada conferência se queda por um assunto específico que revela estarmos, segundo o autor, a viver num mundo em processo de mudança acelerada, apresentando a ideia de um “mundo desvairado” (p. 11). Fenómeno que se

faz sentir por todo o mundo, não estando confinado a nenhuma zona do globo (p. 15).

Assim, o mérito deste livro reside, naturalmente, no valor da sua contribuição para o fenómeno da globalização, por um lado e, por outro, porque são escassos os estudos escritos e traduzidos em português sobre este assunto da globalização. Esta obra revela a importância que o tópico da globalização tem conquistado neste fim do milénio e nos diversos sectores das sociedades actuais. Não é um grande livro, mas é um livro interessante, que consta de um prefácio, introdução e um conjunto de cinco conferências: globalização, risco, tradição, família e democracia, apresentando uma bibliografia específica para cada tema, com um resumo de cada obra, o que pode ajudar quem pretender aprofundar os temas em questão. O livro fala-nos de algumas das mais importantes análises sobre áreas da convivência multinacional e multicultural nesta era da globalização.

No **prefácio**, o autor procura explicar o que pretendeu com este conjunto de conferências, onde foram gravadas, agradece a todas as pessoas que contribuíram para o debate que as conferências provocaram na Internet, bem como a todas as que estiveram envolvidas nas produções e nos êxitos alcançados.

Na **introdução**, o autor revela as preocupações do impacto da globalização na ciência, na tecnologia e no pensamento racionalista, realçando que o mundo, em que se vive, não se parece com aquele previsto pelo Iluminismo. Isto porque, em vez de estar cada vez mais dominado por nós, parece descontrolado, um mundo virado do avesso, que afecta a vida corrente e determina o que se passa à escala planetária. É por isso que o livro inclui não só os aspectos da globalização da economia, mas considera também os aspectos do risco, da tradição, da família e da democracia porque todos eles afectam não só os mercados, mas também as maneiras de viver e as culturas das regiões do mundo.

Na primeira parte Giddens desenvolve o *conceito de globalização* e chama a pertinência desta palavra, no mundo em transformação em que vivemos, afectando tudo, ou quase tudo o que fazemos, não podendo ser ignorada por ninguém que pretenda progredir. Diz o autor: “Nenhum guru da gestão a dispensa. Nenhum discurso político fica completo sem se referir a ela” (p. 20). O autor evidencia duas teorias contraditórias em relação ao conceito de globalização: uma que não aceita de modo nenhum o conceito e que ele define como cépticos; e, a outra, que considera a globalização um facto concreto e a que chama radicais. Para os cépticos a globalização não passa de um mito, quaisquer que sejam os benefícios, preocupações ou dificuldades, a economia global não é assim tão diferente da que existia em períodos antecedentes. O mundo continua o mesmo, está assim desde há

muitos anos. Os governos continuam a ter capacidade para controlar a vida económica e manter intactos os benefícios do Estado-providência. Para estes teóricos, a globalização faz parte da perspectiva dos adeptos da liberalização do comércio que querem destruir os sistemas de segurança social e diminuir os gastos públicos.

Pelo contrário, para os radicais a globalização é um facto bem concreto, cujos efeitos se fazem sentir por toda a parte. O mercado global está muito mais desenvolvido do que estava em épocas recentes, nos anos 60 e 70, e é indiferente às fronteiras nacionais. As nações perderam uma boa parte da soberania que detinham e os políticos perderam muita da sua capacidade de influenciar os acontecimentos (p. 20). O autor coloca-se ao lado dos radicais, argumentando e defendendo que: “o volume do comércio externo de hoje é superior ao de qualquer período anterior e abrange uma gama muito mais extensa de bens e serviços”. O autor afirma que a maior diferença regista-se a nível financeiro e nos movimentos de capitais (*idem*). Assim, a obra reflecte sem hesitar que a globalização, tal como estamos a vivê-la, a muitos respeito é algo revolucionário. Sem dúvida, esta é a parte mais original e polémica da obra: “[...] nem os cépticos nem os radicais compreenderam inteiramente o que é a globalização ou quais são as suas implicações em relação às nossas vidas. Para ambos os grupos trata-se, antes de tudo, de um fenómeno de natureza económica. O que é um erro. A globalização é política, tecnológica e cultural, além de económica” (p. 22). Efectivamente, a globalização não evolui de forma imparcial, é um erro pensar-se que a globalização só diz respeito aos grandes sistemas financeiros mundiais, pois influencia aspectos íntimos e pessoais das nossas vidas, onde nem sempre as suas consequências são totalmente benignas. A globalização “mexe” com critérios de justiça, a nível mundial e social.

Na segunda parte, onde analisa o **risco**, o autor demonstra como certos eventos naturais podem impor mudanças que são difíceis de controlar, mas que são nefastas para o desenvolvimento industrial global e apresenta, como exemplo, a alteração do clima com estragos no *habitat* terrestre. Permanece a dúvida e a incerteza sobre muitas outras mudanças que teremos de suportar e que envolvem riscos imprevisíveis no planeta. Daí que, segundo o autor, a noção de risco seja inseparável das ideias de probabilidade e de incerteza. O que ele distingue de perigo. O risco refere-se a perigos calculados em função de possibilidades futuras. O risco é a própria fonte de energia criadora de riqueza numa economia moderna e empenhada na mudança apostada em determinar o seu próprio futuro. Para Giddens, a ideia de risco sempre andou associada à modernidade, mas actualmente assume nova importância. Se o risco era considerado um meio de regular o futuro, de o normalizar e de o colocar sob o nosso domínio, as coisas hoje não se passam assim. Os

esforços para controlar o futuro voltam-se contra nós, forçando cada vez mais a procura de novas formas de viver com a incerteza. O autor apresenta alguns exemplos como sejam: a criação de seguros, as aventuras que as pessoas têm, riscos ambientais, como os relacionados com o aquecimento global, o acidente na central nuclear de Chernobyl, cujas consequências, a longo prazo, ninguém conhece. Passa-se o mesmo em relação à BSE, da qual, de momento, não se tem a certeza acerca das influências na saúde dos seres humanos. Mas, o risco, além de afectar a Natureza, influencia outras áreas da nossa vida, por exemplo o casamento, a família, instituições que sofrem transformações profundas. Argumenta o autor que: « à medida que o risco se expande, torna-se mais “arriscado”» (p. 39). Viver nesta época global significa enfrentar novos factores de risco.

A **tradição** é abordada na terceira parte, a qual abrange a identidade dos povos como, por exemplo, os Escoceses, onde os homens vestem o *kilt*, cada clã usa o *tartan* com as suas cores próprias. O crescimento do fundamentalismo, a expansão dos meios de comunicação de massas, o choque entre as diversas religiões, a expansão das seitas, os rituais, as repetições não são fenómenos nacionais, mas sim transnacionais. Mas, devido ao impacte da globalização, as instituições públicas como também a vida corrente estão a começar a libertar-se do grande peso da tradição, mas esta é necessária e vai persistir sempre, pois é ela que dá continuidade e forma à vida. No entanto, à medida que a tradição se afunda à escala mundial, a própria base da nossa identidade – a consciência de quem somos – altera-se. O autor, embora considerando a tradição como condicionante na vida das pessoas, manifesta um certo desagrado pela pouca atenção que se lhe tem dado.

A **família** é tratada na quarta parte, sublinham-se as transformações operadas entre indivíduos e grupos, em consequência das “funções” que a família desempenha na organização social. Os valores que decorrem em muitos países, acerca dos valores da família, parecem ter muito pouco a ver com as influências da globalização. Mas têm. Os sistemas tradicionais da família estão a transformar-se, bem como sujeitos a tensões em diversas partes do mundo, embora esta transformação avance a velocidade desigual, conforme as regiões e as culturas. Existe um debate aberto em quase todos os países do mundo, excepto ainda nalguns, onde a repressão dos governos autoritários não o permite. A igualdade sexual, a regulação da sexualidade e o futuro da família sofreram modificações básicas, nos países do Ocidente, onde o fenómeno da globalização atinge proporções não observadas nas regiões onde a família tradicional permanece quase intacta. Existe a dúvida se as mudanças verificadas no Ocidente se vão tornar cada vez mais globais. O autor pensa que sim, até porque as preocupações sobre o estado da família são extensíveis a qualquer zona do mundo.

Por seu turno, na quinta e última parte, o autor analisa todo o movimento da democracia e a influência pelo progresso das comunicações a nível global, a partir da Segunda Guerra Mundial. De momento, já há poucos países do mundo que se não digam democráticos, mas as pressões sobre eles são muitas. A democracia é um sistema que envolve competição efectiva entre partidos que querem ocupar posições de poder (p. 70). Estes sistemas espalharam-se desde meados dos anos 70, tendo o seu número mais que duplicado. As mudanças começaram nos países da Europa do Sul, com a queda dos regimes militares da Grécia, Espanha e Portugal. Depois expandiu-se na década de 1980 para as Américas Central e do Sul. O mesmo continua em todos os continentes, envolvendo a Europa do Leste e partes da ex-União Soviética, tendo-se seguido a África. Na Ásia, com alguns avanços e recuos, a democratização tem vindo a ganhar terreno desde o princípio dos anos 70, em países como a Coreia do Sul, Taiwan, Filipinas, Bangladesh, Tailândia e Mongólia (p. 71). Mas, também, por todo o mundo surgem interrogações, todos dizem que a democracia é o melhor sistema. Todos sabemos que a democracia se implanta por toda a parte, mas existe uma enorme desilusão quanto aos processos democráticos. Parece um paradoxo, se dizemos que é o melhor sistema de todos, por que será que os níveis de confiança nos políticos tem vindo a decrescer? Há cada vez menos pessoas a votar; os jovens desinteressam-se da política. Ora a globalização está por detrás desta expansão da democracia, põe a nu os limites das estruturas democráticas, que têm de se democratizar ainda mais de forma a responder às exigências da era global. Para Giddens, o que está em questão é o aprofundamento da própria democracia, ao que ele chama democratizar a democracia (p. 74). As preocupações não podem ser apenas locais, a política não pode ser corrupta, os líderes políticos não podem defender interesses pessoais. Isto explica, em parte, o desinteresse que se manifesta pela política. A democracia tem também de ser transnacional. O autor argumenta que é preciso democratizar acima, bem como abaixo, do nível da nação. Uma era de globalização exige respostas globais, isto aplica-se tanto na política como em qualquer outro domínio (p. 75) e de formas diferentes nos diversos países, dependendo da carga histórica de cada um deles. A democracia está interligada com as mudanças estruturais da sociedade (p. 80).

Mas, um trabalho destes tem também as suas limitações, acabando por constituir um estímulo à apreciação crítica de alguns dos seus argumentos. Penso que uma apresentação mais sistemática e aprofundada poderia conferir a esta obra uma maior consistência analítica da tão importante análise sobre a globalização. Para o leitor que conhece tais argumentos, certas interpretações podem parecer dispensáveis, até tendo em conta o público-alvo da BBC, um público seleccionado. Embora seja interessante esta análise de Giddens, o

autor recorre a muitos exemplos para ilustrar mais a globalização no Ocidente e menos a de outros continentes, pelo que seria importante reforçar alguns aspectos positivos e negativos provocados pela globalização. Não é propriamente um livro teórico-científico, possui muitas ideias pessoais com pouca fundamentação. Isto compreende-se, em parte, pelo facto desta obra ser um conjunto de conferências que, como sabemos têm características e estrutura diferentes, mas que, se fossem mais desenvolvidas e documentadas, isso tornaria a obra mais reconhecida. Estas e outras críticas que podem ser feitas ao livro de Giddens não devem, no entanto, obscurecer os seus méritos. A obra contém reflexões interessantes para a compreensão da globalização e, como já referimos, trata-se de uma obra actual com valor acrescentado para a globalização. Em suma, beneficia também de uma escrita de leitura fácil. Estamos perante uma obra interessante e recomenda-se, tanto aos iniciados no tema, como aos que pretendem melhorar os seus conhecimentos e que se preocupam pela globalização.

Maria Olívia Dias

Pierre-Noël GIRAUD, *A Desigualdade do Mundo – A economia do Mundo Contemporâneo* (trad. do francês), Lisboa, 1996. Terramar, 199 p.

Por que há pobres e ricos? Esta interrogação atemporal, que o autor considera ser, não uma, mas a questão essencial da economia, está longe de encontrar uma explicação convincente no quadro das diversas escolas de pensamento económico. Segundo ele, “as grandes problemáticas económicas dos clássicos ? incluindo Marx – aos economistas contemporâneos – incluindo Keynes – não conseguem reflectir de forma satisfatória os grandes movimentos de desigualdade que se registaram no mundo, desde o século XVIII” (p. 11).

Pierre-Nöel Giraud, igualmente autor de outro trabalho publicado pela Terramar: *A economia é coisa do diabo?*, procura, ao longo das cerca de 200 páginas desta obra, alcançar este desiderato, analisando a evolução das desigualdades internas e externas, ou as denominadas desigualdades sociais e espaciais dos capitalismos, e reconstituindo as dinâmicas da economia do mundo que caracterizaram estes últimos dois séculos. A riqueza é, antes de tudo, relativa, e não absoluta: somos pobres ou ricos em comparação com outros, e a desigualdade é entendida apenas como a diferença que existe entre os homens na fruição dos bens materiais. Fiel, neste aspecto, a Fernand Braudel e a Paul Bairoch, Pierre-Nöel Giraud é um economista que não